

FACULDADE DE LETRAS  
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

# CONIMBRIGA

*VOLUME XIV*



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1975

Os *gsur*, falsamente apresentados por alguns como fortalezas e justamente definidos por Stucchi como centros de exploração agrícola, merecem a atenção do autor, que procura seriá-los e definir-lhes uma evolução.

O volume de Stucchi cumpre integralmente as intenções do autor: apresentar um primeiro enquadramento sistemático da arquitectura cirenaica antiga. O tratamento cronológico pelo qual o autor teve a coragem de optar dá-nos clara ideia da evolução. Os índices topográfico e analítico finais permitem encontrar facilmente o que respeita a qualquer cidade ou monumento.

Obra corajosa no método, paciente no inventário, erudita na bibliografia, rica na ilustração, sensível na apreciação estética, fecunda nos ensaios de seriação cronológica.

J. ALARCÃO

*Quaderni di Archeologia della Libia*, 7 (1975). Roma, «L'Erma» di Bretschneider

A maior parte deste volume é ocupada pelo estudo de Angelis d'Ossat e Raffaella Farioli sobre o complexo paleocristão de Breviglieri. Distante pouco mais de 50 quilómetros de Leptis Magna, objecto de breves estudos de Gaputo, Ward-Perkins e Goodchild, a basílica de Breviglieri é demoradamente analisada neste artigo, que lhe salienta a unidade e originalidade da planta, lhe reconhece o equilíbrio da articulação interna, a integra, pelo prismaticismo do seu aspecto externo, nas tradições africanas e lhe sugere uma cronologia (meados do séc. vi).

O catálogo completo da escultura arquitectónica decorativa, que compreende enquadramentos de janelas, mísulas, impostas, capitéis, etc., é precedido de um inteligente estudo crítico. O estilo anti-clássico e antinaturalista da decoração, manifesto na simplificação das massas e dos contrastes de claro-escuro, é particularmente evidente na representação do cacho de uvas. Elementos romanos, bizantinos e vandálicos são recriados por artistas populares. Esta recriação «bárbara» verifica-se não apenas na maneira de traçar e lavar a decoração mas até na própria concepção das massas dos elementos arquitectónicos decorados. O capitel da fig. 52 é um bom exemplo de elemento esquematicamente concebido: é um paralelepípedo sobre um cilindro, sem que o artista tenha aproveitado o recurso da folhagem coríntia para encobrir as massas e disfarçar a transição de um a outro elemento.

A posição e forma do cibório, a arquitectura interna das naves, o baptistério, são outros aspectos que merecem a atenção dos autores.

Este volume dos *Quaderni di Archeologia della Libia* contém ainda um estudo de Antonino de Vita sobre a reconstrução do arco dos Severos em

Leptis Magna. O autor publica um desenho inédito de Carmelo Catanuso, que reconstituiu o arco de maneira diferente da de Stucchi ou Ioppolo; e, a seu ver, mais correctamente. Por razões históricas e arquitectónicas, considera inatribuível ao tetrapilo severiano a inscrição de Septímio Severo e Júlia Domna pacientemente reconstituída por Ioppolo. A colocação dos frisos externos dos Cupidos e dos enrolamentos de acanto merece também ao autor algumas observações. Antonino de Vita, porém, não limita o seu estudo à reconstituição do tetrapilo. Apoiado nos resultados das escavações feitas ao pé do arco e no desenvolvimento urbanístico da cidade, mostra que o tetrapilo severiano foi precedido de um monumento idêntico, embora mais simples, atribuível à época de Trajano. A argumentação parece-nos convincente, sem que o arco, assim interpretado em termos de reconstrução de um monumento pré-existente, deixe de ser o absurdo urbanístico que efectivamente é, colocado no cruzamento dos dois principais eixos da cidade e impeditivo de um trânsito que tinha por esse facto de se desviar por ruas secundárias.

Um breve artigo de Anna Maria Martini sobre Amm. Marc. XXVIII, 6, 8, um artigo de Caputo sobre uma lápide de 1653 que menciona Leptis Magna, uma ampla recensão, feita por Antonino di Vita, do volume de Romanelli, *Topografia e archeologia dell'Africa romana* e uma bibliografia arqueológica da Líbia (1967-1973) completam o volume.

J. ALARCÃO

JOSÉ MARÍA BLÁZQUEZ, *Diccionario de las Religiones Prerromanas de Hispania*. Ediciones Istmo, 6.º volume da Colección Colégio Universitario. Madrid, 1975, 189 pág. a 2 columnas. Cerca de 30 pág. de gravuras.

Organizada em forma de dicionário, a presente obra de J. M. Blázquez começa por uma introdução onde se definem a traços largos as características dos povos pré-romanos da Península: turdetanos e iberos do Levante e indo-europeizados.

Seguem-se, por ordem alfabética, não as religiões (como o título poderia sugerir) mas os nomes das divindades (como aparecem grafados nos monumentos) e vocábulos referentes a formas de culto ou de religiosidade (*adivinhação, amuletos, labirinto, sacerdócio, santuários*, por exemplo). O que não exclui a existência de outros artigos de carácter geral como *deuses celtas, deuses infernais, procedência e classes sociais dos devotos...*

Nos artigos alusivos às divindades, o Autor refere aspectos linguísticos do teónimo, características da divindade, proveniência do(s) monumento(s) em que o teónimo surgiu, sua datação, bibliografia.